

Migrantes. Considerações sobre os sentimentos frente ao estrangeiro*

MARIA APARECIDA DA SILVEIRA BRÍGIDO**
LIA DAUBER***

* O termo *migrante* se refere às pessoas que mudam seu lugar de residência, por tempo indeterminado, na tentativa de buscar em outro lugar possibilidades sociais, de trabalho e de educação que sejam mais satisfatórias. Os migrantes continuam recebendo a proteção do seu governo de origem e podem retornar se for de sua vontade. Em contrapartida, o termo *refugiado*, de acordo com a Convenção de Genebra, se refere a toda a pessoa que teme ser perseguida por sua raça, religião, nacionalidade ou opiniões políticas, ou que não tem nacionalidade, se encontra fora do país de origem e não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele. Para os governos, estas distinções são importantes. Os países tratam os migrantes de acordo com sua própria legislação e procedimentos em matéria de imigração, enquanto tratam os refugiados aplicando normas sobre refúgio e proteção dos refugiados, definidas tanto em leis nacionais como no direito internacional. ACNUR – *Refugiado ou migrante. O acnur incentiva a usar o termo correto*. [Consulta em 14 out. 2016]. Disponível em WWW.<URL:<http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto>>.

** Psicóloga, Psicanalista, Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra – Portugal, pesquisadora do Grupo de Pesquisas Aconselhamento Psicologia Pastoral e do Grupo de Pesquisa Fenomenologia da Vida na Faculdades EST – Brasil. masilveira@sinos.net.

*** Psicóloga Clínica, Mestre em Psicologia da Saúde e Comportamento Social (UCDB-MS), pesquisadora do Grupo de Pesquisa Aconselhamento Psicologia Pastoral e do Grupo de Pesquisa Fenomenologia da Vida na Faculdades EST – Brasil. lia@dauber.com.br.

Resumo: Os movimentos migratórios humanos nos incitaram a refletir sobre sentimentos resultantes do estranhamento e temores frente aos migrantes. Buscou-se na teoria de Michel Henry sobre barbárie a relação com a vida e o fundo comum e, na psicanálise, sobre sentimentos frente ao considerado sinistro, amedrontador. Encontraram-se em notícias da mídia cenas de rechaços, desconsideração e desrespeito em fronteiras de muitos países, aos migrantes. Para a psicanálise, a inquietação frente ao estrangeiro é a angústia projetada no outro. Para a fenomenologia da vida importa a qualidade do sentir. Muros nas fronteiras são formas de barrar angústia e medo do desconhecido ameaçador e provocador de mal-estar.

Palavras-chave: migrações, fenomenologia da vida, psicanálise.

Abstract: Human migration urged us to reflect on feelings resulting from the uncanny and fears facing migrants. We searched in Michel Henry's theory of barbarism the relationship between life and the common ground, and in psychoanalysis about feelings considered sinister, frightening. It was found in news media scenes of rejections, disregard and disrespect to migrants in borders of many countries. In psychoanalysis, the restlessness against foreigners is the anxiety projected in the other. For the phenomenology of life, it matters the quality of feeling. Walls at the borders are ways to stop anxiety and fear of the threatening unknown that causes uneasiness.

Keywords: migration, phenomenology of life, psychoanalysis.

Apresentação

O tema das migrações apresentou-se como instigante e foi assunto discutido, tanto nos estudos do Grupo de Pesquisa Fenomenologia da Vida¹ como nos demais grupos de pesquisas² da Faculdades EST, com o propósito de elaborar projetos de Simpósios, dentro do III Congresso Internacional da Faculdades EST, intitulado «Reforma: tradição e transformação», realizado em setembro/2016, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul/Brasil.

Destas interlocuções derivou-se o Simpósio «O Outro: Migrações e Refugiados na fronteira da vida», que considerou como objetivo refletir sobre a questão: «Se a vida é o "lençol de água afetivo subterrâneo da qual todos bebemos", como o outro me pode ser um estranho?», através do conceito do

¹ O Grupo de Pesquisas Fenomenologia da Vida, da Faculdades EST, é coordenado pela Prof.^a Dra. Karin H. K. Wondracek.

² O Grupo de Pesquisas Interculturalidade na América Latina, coordenado pelo Prof. Dr. Roberto E. Zwetsch, organizou o Simpósio «Interculturalidade e Migrações», em conjunto com os grupos de pesquisas em Arqueologia Bíblica e Hebraico Bíblico.

filósofo Michel Henry, para quem os seres humanos formam uma só comunidade ligada pela vida.

Nesse simpósio, buscamos discutir a origem dos sentimentos frente ao migrante, com o tema «Diálogos entre fenomenologia da vida e psicanálise sobre o tema das migrações. Sentimentos frente ao estrangeiro»³, através da Fenomenologia da Vida e da Psicanálise. No presente trabalho, avançamos a discussão sobre os sentimentos frente ao migrante, relacionando o tema da barbárie em Michel Henry e em Freud, com o texto sobre a estética do sentir, *O Estranho*⁴, aos fatos veiculados pela mídia com relação às barreiras colocadas aos migrantes e refugiados.

O livro de Michel Henry intitulado *La Barbarie* foi publicado pela primeira vez em 1987. A edição portuguesa desta obra, com o título *A Barbárie*⁵ (2012), tem em seu prefácio a declaração do autor de que pela primeira vez, na história da humanidade, o saber e a cultura se contrapõem e o desenvolvimento do saber está proporcionando o desmoronamento da cultura. É uma obra com muitas críticas acirradas, como é próprio nas obras deste filósofo. Segundo o autor, há modificação dos saberes humanos que são causas e também efeitos de fenômenos autodestrutivos da vida e da cultura. Com efeito, «em todo estado de regressão social é possível reconhecer, por trás da evidência das características da estagnação e do declínio, a violência da recusa deliberada da vida de ser si mesma»⁶.

O texto *O Estranho* de Freud, publicado em 1919, examina de forma minuciosa as qualidades do sentir quando o tema se refere a sentimentos de estranheza frente a algo considerado sinistro, amedrontador. O autor discorre sobre os estranhos efeitos causados por cenas, por alguma estética que provoca incerteza intelectual. Todo afeto pertence a um impulso emocional e a angústia provocada por alguma coisa vista, mas não reconhecida como algo da familiaridade da pessoa, gera sentimentos desconcertantes de estranhezas. Freud, dentre as várias explicações neste texto, refere que nem todo estranhamento é algo novo ou alheio, mas algo que foi alienado da mente pelo processo de recalçamento. Desta forma, algo que não deveria estar presente na mente torna-se estranho, pois, ao invés de estar oculto, veio à luz⁷.

³ BRÍGIDO, Maria Aparecida S.; DAUBER, Lia – Diálogos entre fenomenologia da vida e psicanálise sobre o tema das migrações. Sentimentos frente ao estrangeiro – *Cadernos de Resumos. III Congresso Internacional da Faculdades EST. Reforma: tradição e transformação*. São Leopoldo: EST, 2016, p. 154.

⁴ FREUD, Sigmund – *O Estranho* (1919). In FREUD, S. – *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. 17, p. 273-314.

⁵ HENRY, Michel – *A Barbárie*. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.

⁶ *Ibidem*, p. 207.

⁷ FREUD – *O Estranho*, 1976.

Sentimentos frente ao outro: migrantes e estrangeiros. Muros e barreiras

Em 13 de setembro de 2016, no jornal online *Observador*, foi veiculada reportagem sobre as migrações, onde Paulo de Almeida Sande⁸, Mestre em Ciências Políticas, assim se expressou:

Confesso a minha estupefação: os muros proliferam na Europa, muros de todos os tipos e formatos, e ninguém parece estranhar. Muitas vezes não são bem muros, mas barreiras de arames farpados. Paredes de betão, fortificações, obstáculos pontiagudos, redondos, retangulares. Muros da vergonha. Muralhas, muros e barreiras sempre o Mundo as construiu. Serviam para barrar o caminho do inimigo, conhecido, desconhecido, por vezes imaginário. O que nunca impediu o inimigo de as ultrapassar.

Exemplo destas tentativas de barreiras se verifica na publicação de 21 de setembro de 2016, do mesmo jornal (Figura 1), onde se fala sobre a relutância de países europeus em receber os migrantes, considerados uma ameaça, o que também se constata em outros pontos do mundo.

Os noticiários mostram homens, mulheres e crianças, mobilizados a deixarem suas terras, seja porque desejam, seja por serem obrigados por forças das circunstâncias vividas. Os movimentos migratórios em massa, em todo o mundo, são questões desafiantes, pois o estrangeiro pode ser visto como uma ameaça ao nível de vida ou à cultura, economia, segurança e princípios éticos onde busca ser recebido, trazendo sensações e emoções descritas como desconcerto, estranhamento e temores.

Na Grécia, como também em Roma, a palavra *bárbaros* assinalava que aqueles que não dominavam a língua (grego e latim) eram chamados de estrangeiros. Como não conseguiam se fazer entender, eram considerados como não civilizados; portanto os estrangeiros seriam considerados bárbaros e inferiores⁹.

Nos dias de hoje, ainda se usa o termo *bárbaro/estrangeiro* com o significado de não civilizado e grosseiro, indicando aquele que tem uma cultura diferente daquele que o julga. Assim, o estrangeiro pode ser em um primeiro momento, desprezado e tido como invasor ou perseguidor e, portanto, temido

⁸ SANDE, Paulo de Almeida – Um muro de Caminha a Vila Real de Santo António. *Observador*. 13 out. 2016. [consulta em 14 out. 2016]. Disponível em WWW: URL:<http://observador.pt/opiniao/um-muro-de-caminha-a-vila-real-de-santo-antonio/>.

⁹ CANULLO, Carla – A barbárie na cultura e na clínica. In ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andreas (orgs.) – *Religião, mídia e cultura*. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2015, p. 48.

MIGRAÇÕES

Migrações. Estados nórdicos apelam à UE para que tome medidas contra a Hungria

21/9/2016, 20:57

Os governos das nações nórdicas apelaram à União Europeia para que "tome medidas" contra a Hungria devido à relutância deste país em receber candidatos a asilo registados.

Partilhe     

ZOLTAN GERGELY KELEMEN/EP

Figura 1

AGÊNCIA LUSA – Migrações. Estados nórdicos apelam a UE para que tome medidas contra a Hungria. *Observador*. 21 set. 2016. [consulta em 14 out. 2016]. Disponível em [www: URL:http://observador.pt/2016/09/21/migra-coes-estados-nordicos-apelam-a-ue-para-que-tome-medidas-contra-a-hungria/](http://observador.pt/2016/09/21/migra-coes-estados-nordicos-apelam-a-ue-para-que-tome-medidas-contra-a-hungria/).

ou odiado; num segundo momento, passa do sentimento de desprezo à categoria de perseguidor, contra o qual podemos agir.

Henry¹⁰, abrindo espaço para a compreensão das ideologias da barbárie, diferencia a natureza das humanidades. Esta natureza se refere ao conhecimento sensível, aquilo que nos fez acreditar que as coisas são dotadas de cores, sabores, odores, agradáveis ou desagradáveis, a subjetividade. O filósofo faz uma crítica à filosofia galileana, que entende que os humanos estão separados da natureza.

Para o saber científico, afirma Henry, a subjetividade humana não é levada em conta, porque a única forma legítima de conhecer o mundo é, *a priori*, através do conhecimento geométrico-matemático, o que afasta dos objetos suas qualidades sensíveis. Assim, a possibilidade do homem de ser afetado pela natureza não ocorre, e eliminam-se também as impressões, emoções, desejos e paixões – a subjetividade que constitui a essência da vida. O autor adverte ainda que, se todos os saberes ligados à vida não valem mais, instala-se a barbárie, pois é a própria vida que é atingida, em todos seus valores.

O termo *barbárie* é empregado quando «[...] se tem medo da ordem do mundo em que vivemos, seja ela cultural, política, moral ou religiosa [...]» e tem o significado do fim de uma cultura, pelo abandono das práticas do sentir, da possibilidade do ser. A vida é anulada quando a ciência anula o saber e o

¹⁰ HENRY – *A Barbárie*, 2012.

conhecimento que não é científico. Assim, o conhecer que remete ao que o sujeito percebe em si e de si se desfaz¹¹.

A humanidade forma uma só comunidade invisível, partilhando como fundo comum a vida de todos nós. Para Martins¹², é nesta força da vida, neste «fundo», que se está junto, um com o outro. Para Henry, «[...] quando cada um dos viventes se olha, se representa e se pensa como um ego ou um alter ego [...] se origina uma nova dimensão de experiência que deve ser descrita segundo suas próprias características»¹³. O ser humano nunca está isolado, nunca só, ao experimentar todas as nuances da afetividade: amor, ódio, simpatia, tristeza, solidão, ressentimento, em sentimentos de fruição ou de desespero.

A energia da vida é poder sentir-se. Se esta tornar-se sem reconhecimento e valor para si, o ato resultante é um processo de aniquilação, de rejeição, de repúdio do outro que vem a provocar angústia e desespero. A barbárie é quando a vida fica bloqueada e não pode se efetivar a não ser pelo sofrimento.

«É a própria vida que é atingida. São todos os seus valores que tremem e não só a estética, mas também a ética, o sagrado e com eles a possibilidade de viver o dia a dia»¹⁴. A relação com as ciências e a contemporaneidade com as ideologias da barbárie são constatadas na dramática destruição da cultura e do saber humano, quando se deixa de lado o sensível, o mundo da vida, revelando o que Henry chamou «doença da vida».

A perda dos saberes da vida e as práticas da barbárie podem nos auxiliar na compreensão das reações frente ao tema deste artigo. Ao vermos as imagens, ficamos sensibilizados com os sentimentos frente ao migrante, quando se forma uma reação diante da estranheza e da suposta ameaça: surge insegurança, medo e até ódio, o que remete a um ponto importante, relativo às manifestações de um temor: a perda da identidade.

As delimitações de territórios que determinam o início e o fim de uma propriedade enchem-se de muros que indicam ser a passagem proibida. Ultrapassar é transgredir.

O tema das migrações também nos levou ao texto freudiano *O Estranho*, que discorre sobre aquilo que é assustador, com aquilo que provoca medo e horror, «[...] mas que remete ao que é conhecido, há muito familiar»¹⁵. Algo

¹¹ HENRY – *A Barbárie*, p. 22.

¹² MARTINS, Florinda – O corpo e o espírito por entre a essência da Manifestação de Michel Henry. *Humanística e Teologia. Michel Henry. O incondicional da condição humana*, 35:2 (2014) 163-190.

¹³ HENRY, Michel – *Fenomenologia de la vida*, 2010, p. 165.

¹⁴ IDEM – *A Barbárie*, p. 22.

¹⁵ FREUD – *O Estranho*, p. 273.

de mais intimamente familiar pode tornar-se inquietantemente estranho. Nós todos somos estrangeiros de nós mesmos; a estranheza também é nossa, apesar de habitarmos o mesmo lugar que é sentido como inquietante.

Em 13 de novembro de 2014, o arquiteto Romullo Baratto já mostrava, em um artigo intitulado «5 muros que ainda dividem populações no mundo», a necessidade de os povos se protegerem daquilo que lhes é desconhecido, o outro que o desconcerta, na tentativa de manter o estranho depositado fora, fixando esta estranheza no outro, que então se torna ameaçador, perseguidor, passível e merecedor de ser exterminado (Figura 2).

Vemos nas ideias de Freud que o ameaçador frente ao que é desconhecido pode implicar em um mecanismo de projeção, excluindo aquilo ou aquele que é apontado como estranho (estrangeiro). Outra forma de lidar com este sentimento de estranheza é a tentativa de eliminar a diferença, através de projetos ou ideias, que podem desprezar as individualidades, costumes e culturas do estrangeiro. Os muros e cercas nas fronteiras são como os diques que mantêm separadamente conteúdos, cenas, percepções que ameaçam. As construções dos muros são ações resultantes dos sentimentos em relação aos migrantes e são provas materiais do insuportável frente ao diferente, sinalizando a desconsideração aos humanos.

Freud usa a palavra alemã *unheimlich*, que significa estranho e que é o oposto de *heimlich* (doméstico) e a palavra *heimish* (nativo), para fazer a compreensão de que estranho «é o não familiar e também conhecido». É bem interessante que neste texto Freud questionou se em uma língua estrangeira



Figura 2

BARATTO, Romullo – 5 muros que ainda dividem populações no mundo. *Archdaily*. 13 nov. 2014. [Consulta em 14 out. 2016]. Disponível em [www.<URL:http://www.archdaily.com.br/br/757156/5-muros-que-ainda-dividem-populacoes-no-mundo>](http://www.archdaily.com.br/br/757156/5-muros-que-ainda-dividem-populacoes-no-mundo)

haveria uma palavra que descrevesse a nuance de ser assustador e revela um de vários outros significados do *unheimlich*: uma conotação de algo escondido, por trás das costas, sorrateiro, insidioso¹⁶.

O estranhamento é sentido quando alguém vê algo desconcertante e remete a uma experiência vivida psiquicamente, sendo este registro oculto pelo processo de recalçamento, portanto inconsciente¹⁷. Na Figura 2, a imagem percebida no mundo externo é sentida no mundo interno como estranha. Interessante notar que, para aquele que lê a notícia, a cena estranha é das cercas impedindo pessoas de ultrapassarem fronteiras. É contraditório justamente por serem países que propuseram a globalização, que é um mundo sem fronteiras. Na verdade, esta ideia de sem fronteiras é contraditória.

A sensação de estranheza pode ser pensada com referências ao tema do duplo, na geração de sentimentos inquietantes, tema examinado por Rank¹⁸ detalhadamente. O duplo se relaciona ao irmão que na vida cotidiana de alguém é como uma imagem refletida do próprio ego. A competitividade é uma reação ao rival fraterno (rivalidade pelo amor do pai ou da mãe). O autor afirma que o tema dos irmãos é uma interpretação do primeiro significado não duvidoso e puramente subjetivo do duplo.

Freud¹⁹ refere que o duplo tem origem nas fantasias infantis, nas quais todos parecem semelhantes ou iguais possuindo experiências, conhecimentos e sentimentos em comum, um com o outro. A identificação, nestes casos, é tão intensa que pode confundir o próprio ego com o da outra pessoa. Como se o ego se multiplicasse e se intercambiasse. Assim, também compreende certas repetições características, aspectos, destinos e até mesmo nomes.

A inquietação frente às vivências em relação ao outro tem origem nos complexos infantis recalçados: «O inquietante das vivências se produz quando complexos infantis recalçados são novamente avivados, ou quando crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas»²⁰. O retorno é sentido como algo estranho, porque pega de surpresa e remete a conotação de algo escondido, por trás das costas, insidiosamente sorrateiro. Esta estranheza

¹⁶ FREUD – *O Estranho*, 1976.

¹⁷ BRÍGIDO, Maria Aparecida S. – A passibilidade do corpo decorrente do sofrimento psíquico. In ANTÚNEZ, Andrés E. A.; MARTINS, Florinda; FERREIRA, Maristela. V. (orgs.) – *Fenomenologia da Vida de Michel Henry: interlocução entre filosofia e psicologia*. São Paulo: Escuta, 2014, p. 299-306.

¹⁸ RANK, Otto – *O Duplo – Um estudo psicanalítico (1939)*. Porto Alegre: Gradiva Editorial, 2013, 159 p.

¹⁹ FREUD – *O Estranho*, p. 280.

²⁰ PRESTES, Karine; DEGANI, Rafaela; ENGBRECHT, Simone – *Unheimlich*, o inquietante diante da loucura. Intervenções no mal-estar. In CONTE, Barbara S.; HENZEL, Silvana – *Exclusão e inscrição psíquica: da escuta psicanalítica no social*. Porto Alegre: Evangraf, 2012, p. 43.

Início América Latina Jornal da Estância Fotos e Eventos

quinta-feira, 10 de março de 2016

Muros o Pontes para garantir a soberania nacional

Por leis e controles migratórios para garantir a soberania nacional ou por uma migração segura, ordenada e regular garantindo cidadania e direitos?

Depois de tantas normas de controle migratório inúteis, depois de inúmeras construções de muros ao redor do mundo nas fronteiras, nas cidades e capitais impedindo a passagem das pessoas que por necessidade e no desespero buscam condições dignas de vida e de segurança. Por causa da violência e das guerras, por causa dos fenômenos climáticos que destroem seus lugares de origem. Por causa dos sistemas econômicos injustos que por um lado concentram capitais e riquezas na mão de poucos e por outro exploram e excluem a maioria dos trabalhadores (as). Enfim por causa do tráfico de pessoas, segundo maior negócio do mundo depois da indústria bélica, milhões de pessoas são obrigadas a sair e fugir de suas terras, cidades e países, em busca de liberdade, de condições dignas e de segurança para si e suas famílias. Somando todos estes grupos no mundo atualmente já ultrapassa a cifra dos 300 milhões entre MIGRANTES, REFUGIADOS E TRAFICADOS.



Enquanto que depois de 40 anos da construção do Muro de Berlim (1989) o mundo Ocidental viu sua destruição, em apenas duas décadas posteriores, o mundo já havia construído cinco novos muros: EUA – MÉXICO, ISRAEL – CISJORDÂNIA, ESPANHA – MARRUÇOS (Ceuta e Melilla) GRCIA – TURQUIA E COREIA DO NORTE – COREIA DO SUL.

Se dermos a palavra para outras formas de muros como por exemplo: Muros políticos, econômicos, culturais, religiosos, psicológicos, ideológicos, sem dúvida que o número aumentaria muito. Consequentemente e automaticamente diante de tantos muros o que mais aparece e aumenta entre as pessoas é a desconfiança, o medo, a rejeição, a xenofobia, o bullying, a perseguição, a separação, o abandono, enfim o que mais aparece e vem aumentando em muitos lugares e ao mesmo tempo. É a VIOLÊNCIA EM TODAS SUAS FORMAS E EM TODA SUA CRUELDADE.



Por outro lado vemos gestos e atitudes de ACOLHIDA, DE SOLIDARIEDADE, DE COMPRENSÃO, DE APROXIMAÇÃO, DE DIÁLOGO, DE ATENÇÃO, DE ESCUTA AO DIFERENTE E SOBRETUDO GESTOS DE CUIDADO E DE MISERICORDIA para com a vida do meio ambiente e para com a vida dos

Figura 3

GEREMIA, Pe. Mário – *Muros o Pontes para garantir a soberania nacional*. 10 mar. 2016. [consulta em 14 out. 2016]. Disponível em WWW: URL:<http://miguelimigrante.blogspot.com.br/2016/03/muros-o-pontes-para-garantir-soberania.html>.

remete a um sentimento de não haver controle sobre a circunstância e gera desamparo e medo, pois pode ser atribuído a uma força externa. Diz Freud: «diante de uma “força demoníaca” impõe a ideia de algo fatídico inescapável e evidencia o descentramento do eu»²¹. Anuncia, então, a morte, pois há ameaça advinda do estrangeiro, do que é desconhecido provocando uma angústia inominável.

Esta condição de ameaça pode ser sentida, no mundo, através de atitudes que revelam a desconfiança, o medo levando a rejeição e exclusão. Tentativas de barreiras, sejam muros de pedra, sejam barreiras de arame farpado, de obstáculos para que estas pessoas – migrantes, no caso, cujo número vem aumentando - não cheguem aos lugares que aspiram. Ilusoriamente, como referiu Paulo Sande, a intenção é barrar «o caminho ao inimigo, conhecido, desconhecido, por vezes imaginário»²².

Reforçando estas ideias, no dia 30 de março de 2016, um blog latino-americano, discutiu a situação das migrações, salientando que

²¹ FREUD – *O Estranho*, p. 297-298.

²² SANDE – *Um muro de Caminha a Vila Real de Santo António*, 2016.

Enquanto que depois de 40 anos da construção do Muro de Berlim (1989) o mundo Ocidental viu sua destruição, em apenas duas décadas posteriores, o mundo já havia construído cinco novos muros: EUA – MÉXICO, ISRAEL – CISJORDÂNIA, ESPANHA – MARROCOS (Ceuta e Melilla) GRECIA – TURQUIA E COREIA DO NORTE – COREIA DO SUL. / Se dermos a palavra para outras formas de muros como, por exemplo: Muros políticos, econômicos, culturais, religiosos, psicológicos, ideológicos... sem dúvida que o número aumentaria muito. Conseqüentemente e automaticamente diante de tantos muros o que mais aparece e aumenta entre as pessoas é a desconfiança, o medo, a rejeição, a xenofobia, o *bullying*, a perseguição, a separação, o abandono, enfim o que mais aparece e vem aumentando em muitos lugares e ao mesmo tempo. É a VIOLÊNCIA EM TODAS SUAS FORMAS E EM TODA SUA CRUELDADE.²³

As notícias que foram apresentadas neste trabalho revelam que jogar sobre alguém desconhecido, migrante/estrangeiro, o estranho que existe em todos nós pode ser perigoso, pois os conflitos pessoais, entre culturas, representam o conflito frente ao desconhecido. Levantar muros, como se constata nas notícias, é decorrência da angústia que é combatida por atos bárbaros. Percebe-se a mesma dinâmica, de rechaço ao desconhecido, sempre que as pessoas se encontram na situação de estrangeiro. Nas migrações que ocorrem dentro de um mesmo país de origem, nos deslocamentos de grupos de pessoas, ficam evidenciadas as diferenças culturais, religiosas, de costumes, que nem sempre são bem aceitas.

A visão de muros e arames farpados impedindo o trânsito entre fronteiras também leva a refletir que as migrações podem ocorrer pela barbárie frente a formas de vida desumanas. Os atos bárbaros também levam as pessoas a migrar.

Desta forma, migrar é a esperança de uma melhor forma de viver. Bauman²⁴, em seu pensamento sobre o medo, cita vários pensadores contemporâneos que pensaram quanto ao medo da morte, desde o aspecto do temor do fim de um mundo, da perda irreparável, até a possibilidade de melhoramento do mundo. Do ressurgimento da esperança e do propósito de torná-la mais hospitaleira, os seres humanos abriram as fronteiras, globalizaram os países em busca de conforto e prazer.

A globalização, que era entendida como a esperança de não ter limites nem fronteiras, mostra-se na atualidade uma fonte de sentimentos como medo,

²³ GEREMIA, Pe. Mário – *Muros ou pontes para garantir a soberania nacional*. 10 mar. 2016. [consulta em 14 out. 2016]. Disponível em [www: URL:http://miguelimigrante.blogspot.com.br/2016/03/muros-o-pontes-para-garantir-soberania.html](http://miguelimigrante.blogspot.com.br/2016/03/muros-o-pontes-para-garantir-soberania.html).

²⁴ BAUMAN, Zigmunt – *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

impotência e insegurança. Muros e cercas são o retrato da sociedade que se caracteriza pelo afrouxamento de laços sociais. Pessoas se sentem sem recursos e indefesas, logo ameaçadas. Destas ameaças reais e/ou imaginárias, surgem os medos e as reações que podem ser sinalizadas como práticas de barbáries.

Considerações finais

Qual é o sentido dos muros? Tentativas de barrar, não sentir a angústia, não ter contato com tudo e todos, que remete ao desconhecido, ao diferente que é percebido como ameaçador e, portanto, provocador de um mal-estar. O sentimento é de angústia frente à estranheza, que não é só do outro, mas que remete a si mesmo. São sentimentos opostos, como é o paradoxo da situação das migrações. Estes sentimentos também ocorrem com aqueles que chegam ao lugar desconhecido, que não é de sua origem.

O dito acolhimento aos migrantes parece ser uma tentativa de deixá-los longe. Os alojamentos em barracas, sem a mínima infra-estrutura torna-se uma tentativa de eliminar as diferenças, seja procurando reduzir tudo a um mesmo, seja pela exclusão daquele que é apontado como estranho. Se houver a retirada das organizações básicas que pressupõem uma vida minimamente organizada e civilizada, quer dizer: sem água, sem alimento, sem segurança, a barbárie se instala, como aponta Bauman. Inicia-se uma luta pela sobrevivência e as pessoas tornam-se bárbaros dos bárbaros. «A globalização dos danos e prejuízos resulta na globalização do ressentimento e da vingança»²⁵, assim, quando não houver civilização para todos, ocorrerá a barbárie.

A humanidade partilha de um fundo comum, estabelecido com o outro em *pathos* que é a possibilidade de sentir as emoções frente ao outro, de cada um se perceber. Este *pathos* remete, entretanto, ao medo de perder a «zona de conforto» frente ao migrante. Os sentimentos frente aos desconhecidos, aos migrantes que são culturalmente diferentes, levam a um medo compreensível, mas isso não significa que devemos nos paralisar por este sentimento ou reagir de forma a recusar o outro. Ao recusar o outro, acontece a barbárie.

É possível um reconhecimento da diferença que não desperte medo persecutório, ódio ou angústia? É possível um respeito à diferença, viabilizado pela verificação de uma distância do eu a si mesmo e do eu ao outro?

Sentir com o outro nos leva a reconhecer que pertencemos a uma comunidade de vivos. Perceber e sentir em si que o outro partilha do fundo comum

²⁵ BAUMAN – *Medo líquido*, p. 128.

é a possibilidade de ser sensível ao outro. E é se deparando com o outro que é possível se reconhecer e experimentar o poder de ser; ouvir e ser ouvido, tocar e ser tocado, sentir-se sentindo.

Assim, reconhecer este outro, respeitando as diferenças culturais, sociais, idiomáticas e religiosas é possível quando estas não são sentidas como ameaçadoras e são pertencentes a outro diferente de mim mesmo.

Os movimentos migratórios, tão noticiados em todas as partes do mundo, provocam reações de todos os tipos. Ao considerar os sentimentos decorrentes destes movimentos, fomos levadas a este percurso teórico, motivadas pela pergunta: o que leva alguém a estranhar uma pessoa que tem características físicas e costumes diferentes? Entretanto, outra pergunta surge: como se sente aquele migrante que chega a um lugar que não tem sua cultura, idioma, alimentos, tradições e tantas outras coisas diferentes de sua origem?

Para constituir-se como sujeito, se faz necessário reconhecer o semelhante como diferente, com peculiaridades, como alguém a ser diferente de si. É outro. Poder reconhecer e respeitar as diferenças culturais, sociais, econômicas, idiomáticas e religiosas é poder sentir o diferente como não ameaçador ao ponto da necessidade de eliminá-lo. O medo é necessário como um princípio de proteção, mas ele não se torna ameaçador e desestruturante quando o espaço interno próprio está garantido.

Referências

- ACNUR – *Refugiado ou migrante. O acnur incentiva a usar o termo correto*. [Consulta em 14 out. 2016]. Disponível em [www: <URL:http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto>](http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto).
- AGÊNCIA LUSA – Migrações. Estados nórdicos apelam a UE para que tomem medidas contra a Hungria. *Observador*. 21 set. 2016. [Consulta em 14 out. 2016]. Disponível em [www: <URL:http://observador.pt/2016/09/21/migracoes-estados-nordicos-apelam-a-ue-para-que-tome-medidas-contra-a-hungria/>](http://observador.pt/2016/09/21/migracoes-estados-nordicos-apelam-a-ue-para-que-tome-medidas-contra-a-hungria/).
- BARATTO, Romullo – 5 muros que ainda dividem populações no mundo. *Archdaily*. 13 nov. 2014. [Consulta em 14 out. 2016]. Disponível em [www: URL:http://www.archdaily.com.br/br/757156/5-muros-que-ainda-dividem-populacoes-no-mundo>](http://www.archdaily.com.br/br/757156/5-muros-que-ainda-dividem-populacoes-no-mundo).
- BAUMAN, Zigmunt – *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BRÍGIDO, Maria Aparecida S.; DAUBER, Lia – Diálogos entre fenomenologia da vida e psicanálise sobre o tema das migrações. Sentimentos frente ao estrangeiro – *Cadernos de Resumos. III Congresso Internacional da Faculdades EST. Reforma: tradição e transformação*. São Leopoldo: EST, 2016, p. 154.
- BRÍGIDO, Maria Aparecida S. – A passibilidade do corpo decorrente do sofrimento psíquico. In ANTÚNEZ, Andrés E. A.; MARTINS, Florinda; FERREIRA, Maristela.

- V. (orgs.) – *Fenomenologia da Vida de Michel Henry: interlocução entre filosofia e psicologia*. São Paulo: Escuta, 2014, p. 299-306.
- CANULLO, Carla – A barbárie na cultura e na clínica. In ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andreas (orgs.) – *Religião, mídia e cultura*. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2015, p. 48.
- FREUD, Sigmund – *O Estranho* (1919). In Freud, S. – *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. 17, p. 273-314.
- GEREMIA, P.^o Mário – *Muros ou pontes para garantir a soberania nacional*. 10 mar 2016. [Consulta em 14 out. 2016]. Disponível em [www: <URL:http://miguelimigrante.blogspot.com.br/2016/03/muros-o-pontes-para-garantir-soberania.html>](http://miguelimigrante.blogspot.com.br/2016/03/muros-o-pontes-para-garantir-soberania.html).
- HENRY, Michel – *A Barbárie*. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.
- HENRY, Michel – *Fenomenologia de la vida*. 1.^a ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.
- MARTINS, Florinda – O corpo e o espírito por entre a essência da Manifestação de Michel Henry. *Humanística e Teologia. Michel Henry. O incondicional da condição humana*, 35:2 (2014) 163-190.
- PRESTES, Karine; DEGANI, Rafaela; ENGBRECHT, Simone – *Unheimlich*, o inquietante diante da loucura. Intervenções no mal-estar. In CONTE, Barbara S.; HENZEL, Silvana – *Exclusão e inscrição psíquica: da escuta psicanalítica no social*. Porto Alegre: Evangraf, 2012, p.43.
- RANK, Otto – *O duplo. Um estudo psicanalítico (1939)*. Porto Alegre: Gradiva Editorial, 2013, 159 p.
- SANDE, Paulo de Almeida – Um muro de Caminha a Vila Real de Santo António. *Observador*. 13 out. 2016. [Consulta em 14 out. 2016]. Disponível em [www: <URL:http://observador.pt/opiniaio/um-muro-de-caminha-a-vila-real-de-santo-antonio/>](http://observador.pt/opiniaio/um-muro-de-caminha-a-vila-real-de-santo-antonio/).